

Interdisciplinaridade e ensino de História:

notas sobre a experiência do Projeto Amora

Por Jocelito Zalla¹

A minha perspectiva de trabalho interdisciplinar no ensino de História é pautada pelos projetos educativos desenvolvidos no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp/UFRGS). Entre eles, destaca-se o Projeto Amora,² com quase vinte anos de existência, que tem na interdisciplinaridade um de seus pilares. Seu objetivo, desde a composição inicial, é repensar o currículo escolar nos anos finais do Ensino Fundamental (6º e 7º anos), através da integração de conteúdos, da Iniciação Científica como metodologia de ensino e da incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na sala de aula. De 2011 a 2014, trabalhei como professor de História no segmento, coordenando a equipe de professores-pesquisadores durante o ano letivo de 2013. Com uma trajetória consolidada e estratégias de ensino bem-sucedidas, cabe ao Projeto Amora a observação atenta das práticas desenvolvidas, a reflexão acerca de seus resultados (em termos de aprendizagens) e a proposição de novas estratégias, abordagens e mesmo de temas de estudo, no sentido de aprimorar o currículo como um todo, atendendo melhor às necessidades de cada grupo de estudantes que é formado, mas também desenvolvendo modelos pedagógicos novos, ou ainda não testados em etapas anteriores da pesquisa-ação.

A interdisciplinaridade é alvo constante dessa dinâmica de reflexão e reconstrução de práticas docentes. Ainda assim, o acúmulo de experiências do Amora aponta para algumas certezas, que caminham na mesma direção da bibliografia teórica produzida em anos recentes. Primeiro, concordamos que só é possível construir um ensino verdadeiramente interdisciplinar quando há bases disciplinares fortes em diálogo. Segundo, para que isso aconteça, é necessário repensar todo o contexto curricular, incluindo a gestão de espaços e tempos dos alunos e dos professores.

No que toca ao primeiro ponto, a equipe de professores deve ser constituída por profissionais formados em todas as disciplinas previstas, na etapa curricular, pela legislação atual. Não é possível abrir mão de professores especializados em favor de uma ou outra grande “área de conhecimento”. Um professor de História, por exemplo, pode conhecer conteúdos desenvolvidos em áreas afins, como a Geografia. Ele pode dominar assuntos como a geopolítica no século 20 ou as tendências migratórias no Brasil, mas

¹ Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS). Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ).

² Maiores detalhes sobre o Projeto Amora podem ser encontrados em sua página: www.ufrgs.br/projetoamora. Além de documentos da equipe, o site disponibiliza produção acadêmica em ensino/educação desenvolvida a partir/sobre o contexto do projeto.

não possui as mesmas ferramentas de abordagem e análise desses temas que o professor de Geografia. E vice-versa. É a troca entre as perspectivas disciplinares distintas que enriquece a construção de conhecimento na sala de aula. Na prática, a cada início de ano letivo, a equipe de professores retoma os componentes curriculares previstos nos planos de ensino do Colégio, em reunião pedagógica, tecendo relações entre eles. Uma estratégia que tem ajudado a estabelecer esses diálogos é a confecção de um grande mapa conceitual para cada um dos anos da etapa, que fundamenta o currículo a ser desenvolvido. A partir dos conceitos-chave de cada disciplina, selecionamos os conteúdos e estabelecemos estratégias para desenvolvê-los. Ao fazê-lo em grupo, podemos escolher temas em comum, que permitam a construção dos conceitos específicos, e traçar planos coletivos de ação. O segundo passo, assim, é planejar Atividades Integradas (AI), que contam com a presença, na sala de aula, de todos os professores das disciplinas envolvidas. Para dar um exemplo, a professora Aline Becker, de Artes Visuais, e eu, em 2013, desenvolvemos uma AI nova, a partir do tema “arte rupestre”, para as turmas de 6º ano. A base conceitual (cultura e representação) exigia a compreensão, por parte dos alunos, da lógica ritual dos registros visuais pré-históricos. Após alguns encontros, com exposição oral e análise coletiva de imagens selecionadas pelos docentes, os estudantes passaram a trabalhar num pequeno projeto de representação “rupestre” de seu próprio cotidiano. Fizeram prospectos em papel que foram executados, posteriormente, nas paredes de uma sala reservada para simular uma caverna (toda a sala foi revestida com papel pardo, incluindo as aberturas). Assim como os homens e mulheres “pré-históricos” representavam objetos de desejo (como a caça) em dimensões ritualmente pensadas para evocar aquilo que gostariam de materializar (como animais com atributos físicos desproporcionais, indicando a parte da carne mais apreciada pela sociedade de caçadores-coletores), os estudantes usaram formas e cores próximas às da arte rupestre para registrar seus objetos de desejo (de comida *fast-food* a aparelhos eletrônicos), experimentando escalas não realistas de representação visual. Com os resultados da atividade, pudemos realizar discussões sobre a cultura juvenil dos estudantes, em contraste com a cultura histórica abordada.

Há ainda, no Projeto Amora, AIs desenvolvidas ao longo de anos, como o trabalho sobre evolução, que envolve os professores de História, Geografia, Ciências e Educação Física e articula conceitos e conteúdos como: processo histórico, evolucionismo, eras geológicas, periodização histórica (Paleolítico e Neolítico), evolução biológica humana e morfologia dos corpos. Evidentemente, nem todas as disciplinas participam de todas as AIs, mas o currículo real fica menos segmentado e mais dinâmico. Muitos componentes ganham mais sentido quando abordados em conjunto, tornando-se mais ricos e complexos. E nenhuma

AI é reproduzida exatamente da mesma maneira a cada ano que passa, pois as interações entre bagagens disciplinares também se atualizam, além das demandas dos grupos de estudantes, sempre indicam novas possibilidades de exploração.

Quanto ao segundo aspecto que foi levantado acima, o redimensionamento dos tempos e espaços curriculares, a proposta interdisciplinar exige condições de debate para os docentes e menor rigidez na grade horária do estudante. Os professores precisam de espaços de discussão coletiva, como reuniões pedagógicas gerais da equipe. Mas também é importante que possam trabalhar em grupos menores, planejando em conjunto as AIs que serão desenvolvidas pelas suas disciplinas, avaliando os resultados dessas ações com seus colegas. Isso exige, na prática, a previsão e a garantia de carga horária para o estudo do professor. Além disso, não pode haver hierarquia entre os saberes, o que tradicionalmente se desdobra na reserva de maior carga horária para disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa. Toda disciplina tem a mesma importância, contando com o mesmo número de períodos de aula. E todas precisam ceder espaço para as AIs que são propostas, já que todas participam das mesmas. Dessa forma, a grade horária precisa ser alterada de acordo com o desenvolvimento das AIs. Os professores proponentes costumam prever o tempo e o espaço que cada uma das ações demandará. Mas é importante ter certa flexibilidade nesse sentido. Se os conceitos específicos também estão sendo trabalhados a partir de conteúdos integrados, não há por que competir por espaço na grade horária. No Projeto Amora, assim, costumamos prever algumas atividades fixas, como oficinas eletivas, assessorias de leitura e escrita e Iniciação Científica. Os demais espaços curriculares são preenchidos semanalmente, de acordo com o desenrolar das AIs, mas também com as necessidades disciplinares específicas. Para ilustrar essa configuração, a tabela abaixo reproduz uma semana de aula de uma das turmas de 6º ano do CAp/UFRGS em 2013.

	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a
8h - 9h15	AI Evolução	Iniciação Científica	AI Soletrando	Produção Textual	Teatro/Artes Visuais
9h15 - 10h15	Geografia	Iniciação Científica	Ciências	AI Meu corpo	Educação Física
10h40 - 12h10	AI Memórias	Leitura e Escrita	História	Iniciação Científica	Oficinas

13h30 - 14h50	Língua Es- trangeira			Língua Es- trangeira	
15h10 - 16h30	Interação Virtual			Matemática	
16h30 - 17h30	Educação Física			Música	

Evidentemente, há conteúdos que precisam ser explorados na aula de História. Nem tudo é trabalhado de forma integrada. Assim, o estudante terá alguns momentos de aula especializada e outros interdisciplinares. Essa estrutura flexível requer grande autonomia do estudante, que precisa controlar seus horários e gerir o material necessário para cada atividade. Esse também é um dos propósitos do currículo no Amora: ajudar o aluno a desenvolver suas próprias estratégias de organização e de estudo. Por fim, os espaços físicos também são reservados de acordo com as AIs. Muitas atividades podem se desenrolar na sala de aula da turma; outras demandarão o uso de laboratórios, quadras de esporte, biblioteca. Esse trânsito por diferentes lugares também é desdobramento da interdisciplinaridade e ajuda a reconhecer em todas as áreas da escola sua função educativa.

Não preciso dizer que o modelo que foi rapidamente relatado é dispendioso, em muitos sentidos. Primeiro, ele exige do professor um constante repensar de sua prática. Isso pode gerar desconfortos iniciais, mas é mais do que profícuo. Faz com que estudemos continuamente, investindo em leituras diferentes daquelas a que estamos acostumados. Somos instigados a produzir em grupo (o que nem sempre é fácil), e o estudante ocupa uma posição importante nessa coletividade. Acima de tudo, torna-nos autores do currículo, não meros reprodutores de manuais e livros didáticos. Segundo, demanda um grande empenho por parte dos gestores, que precisam garantir as condições estruturais para que as ações aconteçam. Infelizmente, no universo da educação pública brasileira, os recursos materiais e humanos escassos impossibilitam, na maioria dos casos, uma proposta interdisciplinar profunda. O CAP/UFRGS goza de uma estrutura universitária que permite a elaboração de um modelo praticamente ideal. Mesmo assim, acreditamos que este seja nosso papel (o que justifica a natureza diferenciada da instituição): propor mudanças no ensino brasileiro, mesmo que elas passem por adequações de acordo com cada realidade escolar. Nesse sentido, já acompanhamos projetos experimentais em escolas públicas das redes estadual e municipais da região, que partiram de alguns de nossos pressupostos, como a interdisciplinaridade. Em todos os casos, por mais que a estrutura física seja deficiente (e costuma ser bastante),

quando o professor recebe as condições mínimas de trabalho (lotação em apenas uma escola, carga horária para estudo e planejamento, reuniões pedagógicas, flexibilidade na grade curricular), ao ser instigado por um modelo como esse, sempre faz um trabalho autoral, criativo e muito significativo para os estudantes.